

JANAINA TOKITAKA

ABCDELAS



*Para todas as professoras que
já tive durante a vida*

Copyright do texto e das ilustrações © 2019 by Janaina Tokitaka

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Revisão

NINA RIZZO

ARLETE SOUSA

Tratamento de imagem

M GALLEG0 • STUDIO DE ARTES GRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tokitaka, Janaina

ABCDelas/ [texto e ilustrações] Janaina Tokitaka. —

1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2019.

ISBN 978-85-7406-854-1

1. Literatura infantojuvenil 2. Mulheres – Biografia –
Literatura infantojuvenil I. Título

18-21525

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres: Biografia: Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB 8/7639

2019

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

☎ (11) 3707-3500

🌐 www.companhiadasletrinhas.com.br

🌐 www.blogdaletrinhas.com.br

📺 /companhiadasletrinhas

© companhiadasletrinhas

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------|----|
| AVIADORA | 4 |
| BIÓLOGA | 7 |
| CHEF DE COZINHA | 8 |
| DESENHISTA | 10 |
| ESCRITORA | 13 |
| FILÓSOFA | 16 |
| GEÓLOGA | 19 |
| HISTORIADORA | 20 |
| INVESTIGADORA | 22 |
| JUÍZA | 25 |
| KUNG FU (INSTRUTORA) | 26 |
| LINGUISTA | 31 |
| MÉDICA | 32 |
| NAVEGADORA | 34 |
| OCEANÓGRAFA | 37 |
| PEDAGOGA | 39 |
| QUÍMICA | 40 |
| REPÓRTER | 43 |
| SOCIÓLOGA | 45 |
| TERAPEUTA | 46 |
| URBANISTA | 48 |
| VETERINÁRIA | 50 |
| WI-FI (INVENTORA) | 53 |
| XILOFONISTA | 55 |
| YALORIXÁ | 56 |
| ZOÓLOGA | 58 |
| | |
| SOBRE A AUTORA E ILUSTRADORA | 63 |

AVIADORA

Anésia Pinheiro Machado (1904, Brasil – 1999, Brasil)

Anésia Pinheiro Machado foi uma das primeiras mulheres brasileiras a receber um brevê, o diploma de piloto de avião. Foi a primeira aviadora a realizar um voo entre dois estados diferentes, a atravessar as Américas e também a cordilheira dos Andes.

Anésia checkou seu avião, *O Bandeirante*, com o maior cuidado. Tudo estava em ordem. Ela sentou em seu assento, arrumou a jaqueta e acertou os comandos. O som de seu coração batendo forte se confundia com o barulho do motor do avião. Ela ia voar sozinha (sem seu instrutor!) pela primeira vez, e seria um voo de quatro dias, partindo da cidade de São Paulo até o Rio de Janeiro. Era a primeira vez que uma mulher faria essa viagem. A responsabilidade era enorme!

Com as costas bem coladas ao assento, Anésia sentiu o avião ganhar velocidade, a pontinha dele empinar e, em poucos segundos, estava no ar! Ia passar uma hora e meia no céu, depois pousar, conferir tudo, decolar mais uma vez para voar mais uma hora e meia e assim por diante, até avistar a estátua do Cristo Redentor.

“Se é que vou conseguir ver alguma coisa”, pensou Anésia enquanto controlava a altitude de seu avião. O clima estava assustador. Tempo fechado, perigoso e com chuva. Mas ela não tinha medo de tempo ruim. Sabia tudo o que podia dar errado e o que fazer em cada situação. Afinal, pilotar era assim.

Depois de três dias enfrentando ventos e tempestades, Anésia finalmente avistou o Rio de Janeiro. A Cidade Maravilhosa nunca pareceu tão linda! Enquanto começava a se preparar para o pouso, com frio na barriga, ela sentiu que tudo que queria estava mais perto. Fazer acrobacias com o avião, levar passageiros, quem sabe até um dia atravessar a cordilheira dos Andes...

O que Anésia viu, de fato, deixou ela muito mais feliz do que tudo com que já tinha sonhado. Uma multidão de mulheres — jovens e velhas, de todos os jeitos e lugares — carregando flores e aplaudindo sua coragem. Ela percebeu que seu voo de quatro dias não só a tinha aproximado de seus sonhos, como também tinha aproximado aquelas mulheres dos sonhos delas. Um avião era mesmo quase um milagre!





BIÓLOGA

Margaret Fountaine (1862, Reino Unido – 1940, Trindade e Tobago)

Margaret Elizabeth Fountaine viveu na Inglaterra vitoriana, ou seja, no período do reinado da rainha Vitória, de 1837 a 1901, e foi a primeira lepidopterista — a primeira mulher a estudar borboletas. Seu amor pelos insetos a levou a viagens pela Europa, Tibete, Austrália e Índia para conhecer novas espécies. Ela também foi uma talentosa ilustradora científica.

Margaret olhou bem para a borboleta abrindo as asas dentro do aquário vazio. Elas ainda estavam enrugadinhas e molhadas. Dentro de alguns minutos, a borboleta estaria pronta para voar. Ela era grande e verde, como o campo onde Margaret havia encontrado a folha com ovos que tinha recolhido cuidadosamente e guardado em sua bolsa de couro para levar até seu laboratório. Os ovos viraram lagartas, as lagartas viraram casulos, e agora, finalmente, o inseto ganhava sua forma final e mais bonita. Margaret tinha acompanhado de perto cada momento daquela vida.

Ela gostava muito de borboletas, desde criança. Visitou mais de sessenta países atrás delas. Cada vez que experimentava uma comida diferente, fazia um amigo novo ou via uma paisagem maravilhosa, Margaret agradecia aos insetos coloridos. “Sem vocês, eu não teria motivos para estar aqui”, pensava.

Quando ela era mais jovem, tinha vivido como aquela lagarta: presa em casa, sem poder sair e querendo voar. Sua família era muito conservadora e exigia que ela se comportasse como uma “boa moça”, ou seja, deveria ficar em casa, casar e sossegar. Viajar era considerado um ato de rebeldia; sair de casa, um escândalo; estudar, uma perda de tempo. Então, quando ela recebeu uma herança, aos vinte e sete anos de idade, foi como se tivesse ganhado asas. Finalmente Margaret poderia viver como queria.

A borboleta estava pronta. Suas asas estavam completamente secas. Margaret segurou-a com cuidado, para levar o bichinho até seu viveiro, como ela havia feito com as outras espécies que queria estudar. Alguma coisa fez com que ela mudasse de ideia no meio do caminho. Ela parou na frente da janela e abriu as mãos. A borboleta voou. Margaret ficou feliz. “Espero que ela também conheça tantos lugares quanto quiser”, pensou, feliz, enquanto via a borboleta voar cada vez mais longe, até finalmente desaparecer de vista.

CHEF DE COZINHA

Eugénie Brazier (1895, França – 1977, França)

Eugénie Brazier nasceu na cidade de Bresse, em uma região rural da França. Foi a primeira chef mulher a ganhar três estrelas Michelin, e também a primeira pessoa a ganhar seis delas. Seu restaurante transformou a cidade francesa de Lyon em uma das capitais mundiais da gastronomia.

Chef Eugénie ia receber uma atriz muito famosa em seu restaurante. A cozinha estava um caos, mas a chef estava muito calma. Agiu exatamente como costumava fazer todos os dias da semana: reclamou do estado dos repolhos, devolveu os ovos, encomendou mais dois galões de creme de leite fresco e parabenizou o vendedor de morangos — aqueles eram os morangos mais doces que ela já tinha provado. Mas a equipe de cozinha estava ansiosa, e todos queriam saber o que preparariam para a convidada.

— Vou preparar meu prato preferido.

Sua assistente pegou um bloquinho de papel e prendeu a respiração, pronta para anotar uma receita complicadíssima.

— Sopa de legumes — anunciou Eugénie, toda orgulhosa.

O queixo da assistente caiu, mas ela não ousou dizer nada. Enquanto picavam os ingredientes, os cozinheiros suavam, preocupados. “Sopa de legumes?”, pensavam.

A atriz chegou, ainda mais bonita ao vivo do que na tela do cinema. Sentou e pediu um vinho. A atriz confessou a Eugénie que não gostava de comer sozinha e perguntou se a chef poderia fazer companhia a ela.

Eugénie pegou uma taça de vinho e sentou-se ao lado da atriz.

O garçom se aproximou, carregando uma linda sopeira com uma concha de prata. Ele serviu as duas com cuidado.

— Minha mãe costumava trazer essa sopa dentro de uma lata — Eugénie começou a dizer, emocionada — quando eu ficava cuidando dos porcos no nosso sítio, no inverno.

A atriz pegou uma colher para provar a sopa. Eugénie a impediu. Ela cortou uma fatia de pão de casca grossa e a colocou dentro do prato da convidada.

— Pronto. É assim que mamãe fazia.

A atriz comeu um pedaço do pão encharcado de sopa. Seus olhos se arregalaram.

— É a melhor coisa que eu já comi na vida!

Eugénie riu, feliz.

— Eu sei!

E as duas começaram a conversar, como velhas amigas, sobre comida e sobre a vida.

